

CASTRO DE MONTE MOZINHO: LUCERNAS ¹

Andreia Filipa Campos Esteves

Arqueóloga
andreiace@hotmail.com

Flávia Maria Magalhães Nunes

Arqueóloga
flavia.mnunes@hotmail.com

ABSTRACT

The fieldwork carried out between 1974 and 1998 at *Castro de Monte Mozinho (Penafiel)* yielded a significant number of Roman oil lamps (high and low-imperial) and of production of indigenous tradition. The collection indicates a clear predominance of oil lamps originating from central-Italy workshops, Hispanic, but also of local (*Castro de Monte Mozinho*) and regional productions. Of the latter, many of them refer to a *Bracara Augusta* production, as that city was an important producer and oil lamps distributor known at *conventus*. The focus tends to be mainly on the regional market, as shown in *Monte Mozinho*.

Keywords: Oil lamps; open oil-lamp; iconography; imported productions; local/regional productions.

RESUMO

O trabalho de campo efetuado entre 1974 e 1998 no Castro de Monte Mozinho (Penafiel) permitiu a recolha de um considerável número de lucernas romanas (alto e baixo-imperiais) e de fabrico de tradição castreja. O conjunto revela uma clara preponderância de lucernas oriundas das oficinas centro-italicas, hispânicas, bem como de fabricos locais (Castro de Monte Mozinho) e regionais. Destas últimas, grande parte remete para fabricos bracarenses, uma vez que *Bracara Augusta* se constitui como o mais importante centro produtor e redistribuidor de lucernas conhecido no *conventus*, tendo como principal enfoque o mercado regional, como se comprova em Monte Mozinho.

Palavras-chave: Lucernas; candela; iconografia; produções importadas; produções locais/regionais.

1. INTRODUÇÃO

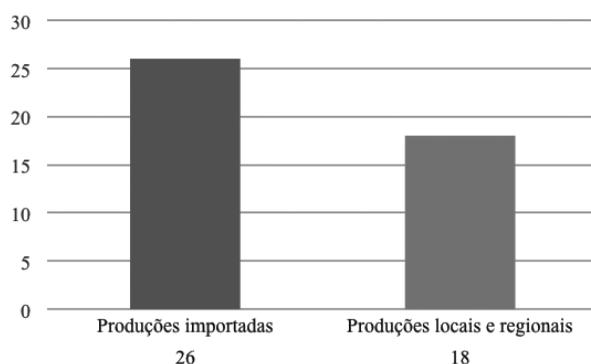
O presente trabalho teve como objetivo o estudo das lucernas romanas recolhidas nas escavações do Castro de Monte Mozinho, realizadas entre 1974 e 1998².

Foram recolhidas 43 lucernas e 1 candela (exemplares quase completos ou fragmentos), das

¹ As lucernas do Castro de Monte Mozinho aqui noticiadas integraram o universo estudado nas dissertações de mestrado que as autoras apresentaram na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2016, elaboradas sob a orientação do professor Doutor Rui Morais (ESTEVES 2016; NUNES 2016). Agradecemos ao Museu Municipal de Penafiel a autorização para estudar os exemplares da sua coleção.

² Para uma contextualização dos setores de escavação destas intervenções consulte-se SOEIRO, 1984 e artigo anterior dos autores Soeiro e Morais.

quais 26 são importadas (produções exteriores ao *Conventus Bracaraugustanus*) e 18 correspondem a produções locais e regionais (produções à escala do *Conventus Bracaraugustanus*) (histograma 1). Para a grande maioria dos casos, pudemos atribuir tipologia, seguindo a antiga classificação de Loeschcke (1919), atualizada por Ángel Morillo Cerdán (1999). Consideramos ainda a área produtora, a decoração e as marcas presentes em alguns exemplares.

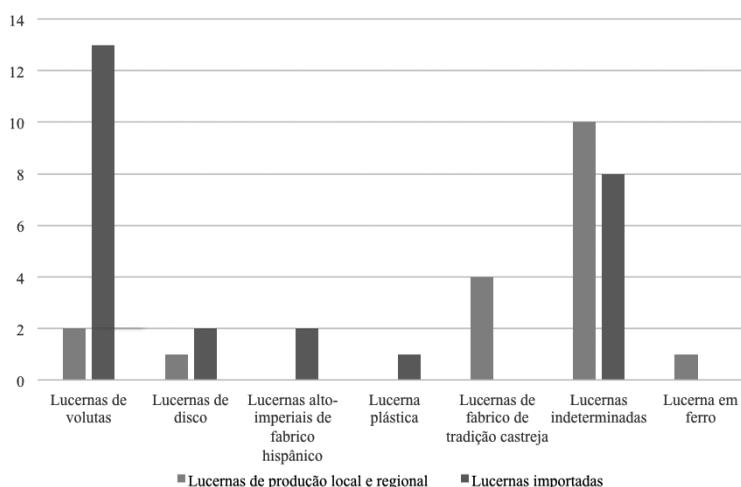


Histograma 1 – Total de lucernas importadas e de fabrico local/ regional

2. Análise tipológica

Uma vez que o trabalho original (dissertações), que cobriu todo o norte de Portugal, contemplava muitos achados ocasionais, antigos e descontextualizados, bem como material resultante de escavações mais recentes, por vezes inéditas (para as quais não tivemos acesso às referências), foi dada prioridade à análise de formas e decorações, e não tanto aos contextos de proveniência. Utilizamos o mesmo procedimento em relação ao estudo do conjunto de Monte Mozinho, limitando-nos a remeter para as publicações sobre este sítio.

Foi possível isolar sete séries tipológicas distintas (histograma 2): volutas (15 exemplares), derivadas do tipo Dressel 3 (2 exemplares), de disco (3 exemplares), lucerna plástica em cerâmica (1 exemplar), fabrico de tradição castreja (4 exemplares) e lucerna em ferro (1 exemplar), sendo as restantes indeterminadas pelo nível de fragmentação (18 exemplares).



Histograma 2 – Quantidade de lucernas importadas e de produção local/regional por tipologia

2.1 Lucernas de volutas

As lucernas de volutas são a tipologia mais abundante. Ao nível morfológico, o disco aumenta e adquire uma forma côncava, adotando um rico repertório iconográfico. A orla, separada do disco por várias molduras e caneluras, é estreita, chegando quase a desaparecer em alguns exemplares (MORILLO CERDÁN 1999: p. 67; 2015: p. 348). O que dá nome a esta série é a sua característica formal mais representativa - as volutas, elementos ornamentais que surgem nos extremos do arranque do *rostrum*.

As lucernas de volutas estão, no Castro de Monte Mozinho, representadas por 15 exemplares. Nas produções importadas contabilizamos 13 lucernas, 5 das quais de tipo indeterminado dado o excessivo estado de fragmentação. As mais antigas provêm das oficinas Centro-Itálicas: 1 fragmento do tipo Loeschcke I B (fig. 1, nº1), do período de Tibério/Cláudio (MORILLO CERDÁN 1999: p. 71), 1 exemplar do tipo Loeschcke I C (fig. 1, nº2) datado do período de Nero - Vespasiano (MORILLO CERDÁN 1999: p.73), e 1 pertencente ao tipo Loeschcke I, variante indeterminada (fig. 1, nº3), com uma cronologia geral de produção situável entre o período de Augusto e os finais do séc. I d.C. Com a mesma origem, mas mais tardios, contabilizam-se 3 exemplares do tipo Loeschcke IV (fig. 1, nºs 4, 5 e 6), datados do 3º quartel do séc. I d.C., 1 fragmento do tipo Loeschcke V (fig. 2, nº 8), dos finais do reinado de Cláudio a meados do séc. II (auge: 75/80 até reinado de Adriano), e 1 fragmento enquadrável no tipo Deneauve V G (fig. 2, nº 9), genericamente datável do período de Augusto a inícios do séc. II (auge: 2º e 3º quartel do séc. I d.C.) (MORILLO CERDÁN 1999: p. 329).

As produções regionais estão representadas por apenas 2 lucernas, ambas atribuíveis ao tipo Loeschcke IV. Uma está completa (fig. 2, nº7), sendo que a outra corresponde apenas a parte da orla e da voluta direita. O exemplar intacto apresenta a marca de oleiro MVNTREPT e poderá pertencer a uma cópia das produções de *Lvcivs Mvnativs Threptvs* produzida em *Bracara Augusta* (ALMEIDA 1953: p. 158, est. XXXIII, nº63; ALMEIDA 1974: p. 48, est. II, nº 4-5; SOEIRO 1984: p. 295, fig. CXLI.10; MORILLO CERDÁN 1999: p. 207; MORAIS 2012: p. 369).

2.2 Lucernas hispânicas “derivadas do tipo Dressel 3”

Estas lucernas estão representadas por 2 exemplares (fig. 2, nºs 10 e 11) e são claramente inspiradas em modelos itálicos (MORILLO CERDÁN 1999: pp.100-101; SOEIRO 2000-2001: pp.111, fig. 14.7; MORILLO CERDÁN e RODRÍGUEZ MARTÍN 2008: pp.298-299). Têm características morfológicas muito peculiares, uma vez que, para além do corpo troncocónico, com paredes altas e retas, apresentam aletas laterais situadas na proximidade do *rostrum*. A aleta direita de um dos exemplares (fig.2, nº11) tem três pequenas reentrâncias circulares, característica muito própria deste tipo de lucernas. Como é habitual, o disco é bastante côncavo e está decorado com uma concha de vieira, cujos gomos partem do orifício de alimentação e convergem na parte inferior, a designada charneira.

As pastas, de cor creme/bege claro, são porosas, indicando uma proveniência Bética, onde se conhecem vários centros produtores, como *Andújar* (SOTOMAYOR *et alii* 1976: p. 139, nota 51; SOTOMAYOR *et alii* 1981) e Córdoba (TAFALLA 1988: p.89; BERNAL 1993: pp. 214-215; BERNAL, GARCÍA GIMÉNEZ 1995: p. 178), ainda que também se tenha documentado uma produção na Lusitânia, em *Emerita Augusta* (RODRÍGUEZ MARTÍN 1996: pp. 143-144). Os exemplares de Monte Mozinho encontram ainda um paralelo tipológico recolhido no município de Penafiel, proveniente de uma sepultura de incineração da necrópole de Monteiras em Bustelo (SOEIRO 2009-2010: pp.142-143).

De acordo com Morillo Cerdán (1999: pp.100, 104), estas lucernas datam dos reinados de Tibério e Cláudio, num momento em que cessam as importações itálicas.

2.3 Lucernas de disco

As lucernas de disco apresentam corpo circular, orla ampla e inclinada para o exterior, disco côncavo e *rostrum* curto e redondo (MORILLO CERDÁN 1999: p. 107; 2015: pp. 360-361). No Castro de Monte Mozinho foram contabilizados 3 exemplares, enquadráveis nos tipos Dressel 20, datados entre os finais do séc. I e a 2ª metade do séc. II d.C., e Dressel 28, da 2ª metade do séc. II ao séc. III d.C.

São produções importadas 2 exemplares, ambos fragmentados e correspondentes aos tipos Dressel 20 (fig. 3, nº12) e Dressel 28 (fig. 3, nº14). A lucerna Dressel 20, parcialmente completa, exhibe uma linha horizontal incisa, que permite a separação entre o bico e o corpo. Na base, ostenta a marca de oleiro C.OPPI.RES incisa, correspondente ao oleiro itálico *Caivs Oppivs Restitvtvs* (PINHO 1931: p.22, fig.3; ALMEIDA 1953: p. 191, est. XXX, nº240; SOUSA 1966: pp. 318-319; ALMEIDA 1974: pp. 48-49, est. II, nº 2-3; SOEIRO 1984: p. 295, fig. CXLI, nº8).

As produções regionais estão representadas por apenas 1 exemplar, intacto, do tipo Dressel 20 (fig. 3, nº13). Ao contrário de grande parte dos materiais exumados à escala conventual, este possui as dimensões normais de uma lucerna deste tipo. Tendo em conta a cronologia geral de produção desta variante tipológica, esta lucerna é datável da dinastia Flávia a inícios do séc. II d.C.

2.4 Lucerna plástica em cerâmica

A lucerna plástica em cerâmica (fig. 4, nº15), característica das oficinas centro-itálicas, constitui um exemplar único documentado no território português. Caracteriza-se pela representação de uma figura feminina na posição de sentada, coberta com manto, que deixa as costas e as nádegas nuas (SOEIRO 1984: p. 203, fig. XCIV.18). Encontra-se parcialmente fragmentada, faltando-lhe a cabeça, o pescoço, o seio esquerdo, os joelhos e os pés (?), tendo servindo estes últimos, muito provavelmente, de *rostrum*.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1977: p. 18), poderá tratar-se da representação da deusa Cybele, uma divindade oriental. Esta deusa, ligada à fecundidade (note-se que a estatueta mostra as costas e as nádegas nuas) tinha o epíteto de *Mater Deum*. A propósito, o mesmo autor lembra-nos de um altar votivo em Marco de Canaveses dedicado a esta deusa (*idem*: p. 33). Pelas afinidades com exemplares helénicos, esta lucerna poderá datar-se da 1ª metade do séc. I d.C.

Apesar da raridade da mesma, encontrámos um exemplar proveniente de Osteria Dell' Osa, em Roma, que possui algumas afinidades morfológicas. À semelhança da peça identificada no Castro de Monte Mozinho, está retratada uma mulher nua e em posição de sentada, mas, desta vez, num assento de forma trapezoidal com os bordos moldados. A cabeça parece estar fragmentada pela base do pescoço, possui um forte abdómen e seios proeminentes e caídos. Na parte de trás ostenta uma asa perfurada. Não apresenta sinais de combustão nas partes preservadas (PILO 2014: p. 174). A escolha em salientar os seios caídos e grandes, e a barriga redonda e pronunciada, juntamente com a estrutura maciça e robusta, manifesta a vontade de representar uma mulher anciã, muito provavelmente relacionada com a esfera da deusa Afrodite, com um forte valor evocativo. Segundo a autora (*idem*: p.176), o gosto pelo “grotesco” é bem conhecido em algumas produções orientais deste tipo de lucernas.

Apesar da raridade, o exemplar de Mozinho parece enquadrar-se no tipo L da classificação de Bailey (1980: pp. 254-260), difundida entre os finais do período de Tibério e a dinastia dos Antoninos.

2.5 Lucernas de fabrico castrejo

As produções locais estão representadas por 4 exemplares de fabrico castrejo: 4 fragmentos de lucernas de disco (fig.4, nº16 e 17) e 1 fragmento de candela (fig.4, nº18).

2.5.1 Lucernas de disco

Os 3 fragmentos em pasta castreja, que imitam lucernas romanas, caracterizam-se pelos discos descendentes com orifício central (fig.4, nº16), sendo que um deles apresenta asa (fig.4, nº17) e outro o seu arranque. Este fabrico distingue-se pela pasta de cor acinzentada e textura arenosa, característica da cerâmica castreja local (SOEIRO 1984: p.141, fig. LXXII.18; p.205, fig. CXXXI.6).

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1977: p. 26), foi também descoberto nas escavações um outro exemplar, que não vimos, deste tipo de fabrico, o qual se caracterizava “por um longo e largo bico”, que o levou a designá-lo “lucerna em bico de pato”, referindo ainda que “o seu modelo estará em lucernas do tipo aletas, com bico comprido, da época de Augusto” (*id. ibidem*). Na sua tipologia da cerâmica castreja, o autor incluiu no *Estilo E*, que segue modelos formais da cerâmica romana, a parte inferior de uma lucerna, com asa e longo bico, feita em pasta castreja com bastante mica, proveniente do Castelo de Faria, em Barcelos (ALMEIDA 1974: p. 197, est. X: 11).

Também noutros locais do *conventus* se realizavam este tipo de exemplares de manufatura castreja, tendo sido recolhidos, nomeadamente, na Citânia de Briteiros, Citânia de Sanfins e na Cidade de Âncora (SILVA 2007: pp. 200, 234-235, est. LVII: 6-7).

2.5.2 Candelas

As designadas “lucernas abertas” ou candelas, constituem uma nova variante no que diz respeito à forma dos recipientes de iluminação, caracterizando-se exatamente pela sua forma aberta. Como referimos, em Monte Mozinho foi recolhido um fragmento de *rostrum* de lucerna aberta do tipo Loeschcke XIV (fig.4, nº18), em pasta castreja acinzentada (ALMEIDA 1977: p. 22, est. III, nº 4; SOEIRO 1984: p. 206, fig.CIV.10). Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, este fragmento, produzido manualmente (1977: p.22, est. III, nº 4), era considerado um exemplar único no Castro, datável do 3º quartel do séc. I d.C. De acordo com Teresa Soeiro, à semelhança das imitações de lucernas de disco de fabrico de tradição indígena, esta candela pode “revelar-nos o conhecimento que os oleiros indígenas teriam dos modelos clássicos” (SOEIRO 1984: p. 206).

2.6 Lucernas indeterminadas

Como referimos, em Mozinho recuperaram-se cerca de 18 fragmentos de lucernas indeterminadas, dado o seu excessivo estado de fragmentação (fig.5, nºs 19 a 21). Representam cerca de 41% do conjunto estudado, sendo a maioria fragmentos de orlas, *rostra*, asas, bem como fundos com marcas. Deste total, 8 pertencem a lucernas importadas: 7 são de origem itálica (fig. 5, nº 19) e 1 de origem bética. Os restantes exemplares, 10, são de fabrico bracarense, destacando-se 2 fragmentos: um fundo com uma marca de oleiro (fig. 5, nº 20) e uma orla com um grafito (fig. 5, nº 21).

2.7 Lucerna em metal (ferro)

As lucernas realizadas em ligas metálicas são bastante mais escassas, comparativamente às lucernas em cerâmica. Salvador Pozo (1997: p. 203) estabelece duas razões principais que justificam essa escassez: a primeira prende-se com o seu custo elevado, quando comparado com as de cerâmica, e a segunda, pelo facto de o metal poder ser refundido e reaproveitado no fabrico

de outros objetos.

Em Mozinho temos um exemplar em ferro, de fabrico local/regional, que, pela forma rugosa e irregular da superfície, leva a crer que teria sido obtido por martelagem (fig. 5, nº 22). Esta lucerna integra-se nos exemplares com *rostrum* longo e fechado, datáveis do período de Tibério – Cláudio. Devido ao seu estado de fragmentação, é impossível inseri-la numa variante tipológica específica (SOEIRO 1984: p. 142, fig. LVIII. 16).

3. Análise iconográfica

Para a análise iconográfica das lucernas recolhidas no Castro de Monte Mozinho seguimos a antiga classificação de Loeschcke (1919), atualizada por Bailey (1980) e Morillo Cerdán (1999), que estabelece cinco grupos principais de decorações: I. Religião e mito; II. Personagens históricas; III. Vida quotidiana; IV. Fauna; V. Plantas e motivos florais. Acrescentámos um outro grupo, aqui designado: VI. Outras decorações, de forma a enquadrar os motivos que não se inserem nos grupos acima referidos. Da totalidade dos 44 exemplares identificados, 7 apresentam decorações no disco (tabela 1), sendo que um destes também apresenta na orla. Predominam os temas relacionados com a fauna (3 exemplares), seguidos dos temas relacionados com a religião e mito (2 exemplares) e a vida quotidiana (1 exemplar).

| Grupo iconográfico | Área de decoração | Nº de exemplares | Série | Tipologia | Produção | Fig. | Nº |
|---|-------------------|------------------|--|----------------------------|-----------------|------|----------|
| Religião e Mito Geométrico | Orla | 1 | Lucerna de disco | Dressel 28 | Itálica | 3 | 14 |
| | Disco | | | | | | |
| Religião e Mito | Disco | 1 | | Dressel 20 | Local/ regional | 3 | 13 |
| Fauna | Disco | 2 | Lucerna alto-imperial de fabrico Hispânico | Derivada do tipo Dressel 3 | Bética | 2 | 10 11 |
| | | 1 | Lucerna indeterminada | Indeterminada | Local/ regional | - | - |
| Vida quotidiana | Disco | 1 | Lucerna de volutas | Loeschcke IV | Local/ regional | 2 | 7 |
| “Outras decorações” – simbologia astral | Disco | 1 | Lucerna indeterminada | Indeterminada | Local/ regional | - | - |

Tabela 1 – Motivos iconográficos representados no disco

Grupo I – Religião e Mito

Este grupo iconográfico encontra-se presente em 2 exemplares. Ambos correspondem a lucernas de disco, uma do tipo Dressel 20, de fabrico local/regional, e outra do tipo Dressel 28, importada. Trata-se do motivo associado a divindades menores, com a representação de Hélios (fig. 3, nºs 13 e 14, respetivamente).

O culto a Hélios em Roma, alcançou maior relevo a partir do século II d.C., devido à influência das religiões orientais em honra do deus oriental Mitra. Sabe-se que em *Bracara Augusta*, existia uma confraria mitraica com base numa epígrafe encontrada no 1º quartel do século XVIII (MORAIS 2010: pp. 146-147; 2012: p. 369).

As representações do Deus Sol nas lucernas importadas mostram grande variabilidade, repetindo-se numa ampla gama de tipologias, e exibem um requinte muito próprio no traçado das linhas. O exemplar importado (fig. 3, nº14) atesta esta afirmação, pois caracteriza-se pela presença de um busto masculino, com diadema de sete raios de traços muito bem delineados e simétricos. Este exemplar, para além de decoração no disco, ostenta também decoração geométrica na orla, na qual está representada uma fiada de óvalos incisos e de proporções muito simétricas.

Nas lucernas regionais, o deus Sol apresenta-se sempre da mesma forma, está representado de frente, com diadema, que pode variar entre os cinco e os oito raios, exibindo as feições do rosto perfeitas em alguns exemplares e noutros, mais fruste.

O exemplar de produção bracarense exumado no Monte Mozinho (fig. 3, nº13) reforça esta ideia, pois os detalhes iconográficos são elaborados com muita perfeição, em particular nas feições do rosto. Está representado com um diadema de cinco raios e, como já referimos, ao invés de grande parte dos exemplares conhecidos, possui as dimensões normais de uma lucerna de disco do tipo Dressel 20. Encontra paralelo iconográfico numa lucerna proveniente de uma das necrópoles recentemente escavadas em Monte Mozinho (CARVALHO 2008: p. 96).

As lucernas com esta iconografia tiveram um grande êxito, difundindo-se por todas as regiões do *conventus Bracaraugustanus*, desde o início da época Flávia até aos inícios do século II d.C. Verifica-se uma grande concentração em *Bracara Augusta*, onde se fabricaram exemplares com o busto raiado de Hélios em lucernas de reduzidas dimensões, no âmbito de um processo de “miniaturização” (MORAIS 2012: p. 389), nas diversas *officinae* de *Bracara Augusta*.

Grupo III – Vida quotidiana

Este grupo iconográfico apenas se encontra presente num exemplar de fabrico local/regional, correspondente a uma lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV. Trata-se de um motivo associado a cenas de anfiteatro com a representação de um gladiador Mirmilão derrotado (fig. 2, nº7).

Os espetáculos de gladiadores (*munera*) eram motivos muito populares e de carácter propagandístico na época romana (MORILLO CERDÁN 1999: p. 205). Este tipo de temas é de origem itálica e começa a divulgar-se a partir do séc. I a.C. As cenas de *munera* sobre as lucernas são numerosas, especialmente durante o séc. I d.C. A julgar pela frequência da sua representação, os gladiadores trácios deveriam ser os favoritos dos espetadores. Também a entrada de animais ferozes no recinto tornava mais atrativos estes espetáculos.

Grupo IV – Fauna

Este grupo conta com 3 exemplares, 2 de origem itálica e 1 de produção local/regional. Os exemplares importados estão representados por 2 lucernas derivadas do tipo Dressel 3 (fig. 2, nºs 10 e 11). Apesar de estarem fragmentadas no disco, o que impossibilita a leitura total do motivo

iconográfico, é notório que ambas apresentam figurações muito similares, nomeadamente uma concha, cujos gomos, côncavos, partem do orifício de alimentação e confluem na parte inferior.

O exemplar de fabrico local/regional está representado por um fragmento de disco de uma lucerna de tipo indeterminado, na qual figuram as duas patas traseiras de um animal, provavelmente um mamífero.

Grupo VI – Outras decorações

Neste grupo incluímos as decorações não integráveis em nenhum dos anteriores. Conforme já foi referido, no conjunto das produções importadas existe uma lucerna com decoração plástica, onde figura um elemento feminino, coberto com manto que deixa as costas e as nádegas nuas (SOEIRO 1984: p. 203, fig. XCIV.18). A sua morfologia permitia que fosse colocada na posição de sentada (fig. 4, nº15).

No conjunto das produções de origem regional contamos com a presença de um fragmento de lucerna de tipo indeterminado com um motivo aparentemente associado à simbologia astral, através da representação de uma estrela.

4. Marcas e grafitos

Compreensivelmente, tendo em consideração a quantidade de lucernas documentadas, as marcas são em número bastante reduzido, sendo que, num total de 44 exemplares, contamos apenas com 3 marcas de oleiro e 1 grafito.

| Marca | Cronologia | Série | Tipologia | Produção | Fig. | Nº |
|---|---|-----------------------|---------------|-----------------|------|----|
| <i>Caius Oppius Restitutus (1 marca)</i> | | | | | | |
| «C • OPPI • RES» | Finais da dinastia Flávia/inícios do período Antonino | Lucerna de Disco | Dressel 20 | Centro-Itálica | 3 | 12 |
| <i>Lucius Munatius Threptus (2 marcas)</i> | | | | | | |
| «MVNTREPT» | Augusto a séc. II | Lucerna de Volutas | Loeschcke IV | Local/ regional | 2 | 7 |
| «M (...)» | Augusto a séc. II | Lucerna indeterminada | Indeterminada | Local/ regional | 5 | 20 |
| Indeterminado (1 grafito) | | | | | | |
| «C E» | Indeterminada | Lucerna indeterminada | Indeterminada | Local/ regional | 5 | 21 |

Tabela 2 - Marcas e grafitos

Como se pode observar na tabela 2, das 3 marcas recolhidas no Castro de Monte Mozinho,

1 pertence a uma lucerna centro-italica e 2 a lucernas de produção local/regional. Foi ainda possível distinguir dois nomes de oleiro, designadamente, *Caius Oppius Restitutus* e *Lucius Munatius Threptus*.

A lucerna importada (fig. 3, nº12) inclui-se no tipo Dressel 20 e ostenta, na base, a marca de oleiro C·OPPI·RES, incisa e em letras bem definidas. Esta marca encontra paralelo numa lucerna proveniente da necrópole de Monteiras em Bustelo (SOEIRO 2009-2010: pp.218-219). Trata-se de *Caius Oppius Restitutus*, o mais prolífero oleiro fabricante de lucernas datadas dos finais da dinastia Flávia aos inícios do período Antonino (BAILEY 1980: p. 99). Pertence a uma ampla família dedicada a este mesmo ofício.

A difusão destas marcas foi muito ampla, alcançando, inclusivamente, algumas áreas do Mediterrâneo Oriental, como Cos, Chipre ou Éfeso. Na Península Ibérica são muito frequentes no litoral catalão e na Bética, tal como revelou Amaré Tafalla (1989-90: pp. 153-154) e Moreno Jiménez (1991: pp. 243-246). Para alguns autores, as oficinas localizavam-se no norte de África, outros pensam que se situavam na Península Itálica (MORILLO CERDÁN 1999: p. 300). A descoberta de uma oficina lucernária na Colina do Janículo, em Roma, onde apareceram associadas as marcas OPPI, C.O.R e C.OPPI.RES, permite avançar a hipótese da localização da oficina matriz dos *Oppi* se situar nesta urbe, da qual se pode estabelecer uma ou mais sucursais na África Proconsular (*id. ibidem*).

As lucernas de produção regional com marcas atribuíveis a L. MVNATIVS THREPTVS incluem-se nas séries de volutas, do tipo Loeschcke IV e indeterminada. A lucerna do tipo Loeschcke IV (fig. 2, nº7) ostenta, na base, a marca de oleiro MVNTREPT incisa e em letras bem definidas. Trata-se de *Lucius Munatius Threptus*, um oleiro oriundo da Itália, vinculado ao círculo dos *Munatti* (BAILEY 1980: p. 98; MORILLO CERDÁN 1999: p. 229; MORAIS 2005: p. 370). A sua produção abarca os finais da dinastia Flávia até à Antonina e encontra-se espalhada por todo o Mediterrâneo ocidental. A existência de uma sucursal no Norte de África é atestada por Balil (1980: p. 15) e ainda por Genover e Fusté (2006: p. 57).

A oficina de Braga não seria uma sucursal desta produção de *L. Munatius*, mas um local onde eram feitas cópias fraudulentas (BALIL 1980: p. 15; MORILLO 1999: p. 299; MORAIS 2005: p. 366). A comprovar este facto, encontraram-se os dois moldes de segunda geração na cidade, elaborados pelo processo de remoldagem (SOUSA 1966: pp.589-99; MORAIS 2005: p.366).

O outro fragmento de fundo de produção local/regional (fig. 5, nº20) não permitiu uma leitura satisfatória da marca, sendo apenas legível a letra «M» (SOEIRO 1984: p. 183). Contudo, há uma grande probabilidade de este corresponder, igualmente, ao oleiro *Lucius Munatius Threptus*.

As escavações realizadas nas necrópoles de Monte Mozinho (2004), permitiram a recolha de três lucernas com marcas de outros oleiros regionais, nomeadamente *Lucretius* e *Publius Domitius* (CARVALHO 2008: p. 96), sendo que também na Necrópole de Montes Novos (Croca) se documenta o aparecimento da marca EX OF LVCRETI, do oleiro *Lucretius* (CORREIA 1996: pp. 306-307). Os referidos achados vêm comprovar que, à semelhança do que acontece noutros locais do *conventus Bracaraugustanus*, em Monte Mozinho e nos contextos envolventes foram comercializadas lucernas fabricadas na região, no sentido de colmatar as necessidades locais.

Por último, temos o exemplar que se encontra grafitado na orla com as siglas «C E» (fig. 5, nº21), realizadas à mão livre com um instrumento pontiagudo sobre a superfície da lucerna já cozida.

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo apresentámos um total de 44 lucernas exumadas no Castro de Monte Mozinho, distribuídas por séries isoladas (lucernas de volutas; alto imperiais de fabrico hispânico; lucernas de disco; lucernas de fabrico de tradição castreja, lucernas indeterminadas, às quais se acrescentam 1 exemplar de lucerna plástica e 1 lucerna em ferro). A série de lucernas mais abundante é a de volutas, com 15 exemplares, seguindo-se as de disco, com 3 exemplares. Destas, são mais abundantes as de produção itálica.

No que respeita às decorações, predominam os temas relacionados com a “religião e mito” e com a “fauna”, destacando-se as representações do busto raiado de Hélios e as conchas de vieira, respetivamente. Importa ainda referir que a maioria das lucernas exumadas em Monte Mozinho não apresenta decoração, devido à sua elevada fragmentação.

Apenas se conhecem 3 marcas de oleiro das oficinas de *Caius Oppius Restitutus* (COPPIRES) e *Lucius Munatius Threptus* (MVNTREPT). Destaca-se também um exemplar com um grafito na orla, ainda que as siglas sejam de leitura indeterminada. O exemplar de manufatura regional que ostenta a assinatura MVNTREPT copia os tipos importados de lucernas Loeschcke IV.

As produções de fabrico regional, com cerca de 13 exemplares, provêm, muito provavelmente, de *Bracara Augusta*, o principal centro produtor e redistribuidor de lucernas do *conventus Bracaraugustanus*. A estas acrescentam-se 3 fragmentos de lucernas e 1 de candela de manufatura indígena, em cerâmica de tradição castreja, que poderão estar associadas a oleiros locais.

Como referimos, as lucernas importadas constituem a maioria deste conjunto, com 26 exemplares, 22 de origem Itálica e 4 de fabrico Bético. A presença destes exemplares está certamente associada à de outros materiais de origem itálica, como as *sigillatas*, as cerâmicas de paredes finas, os engobes vermelhos pompeianos e as ânforas. No Castro de Monte Mozinho, o auge destas importações ocorre entre inícios e meados do séc. I d.C. Posteriormente, assiste-se a uma progressiva dispersão da produção e a uma diversificação das vias de comercialização destes produtos, num momento em que aparecem os novos centros de produção provinciais.

CATÁLOGO

1. Fragmento de lucerna com orla, disco e arranque da parte superior do *rostrum*. Orla arredondada, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. *Rostrum* com voluta direita e parte do orifício de alimentação. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke I B). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 4,6x3,4. Bibliografia: SOEIRO 1984: p. 186, fig. LXXXIX.7; NUNES 2016. Acrónimo: M83 d Q XXI (2). Fig.1, nº1.

2. Fragmento de lucerna de orla estreita decorada com três caneluras e duas molduras concêntricas e parte superior da voluta direita. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke I C). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 3,2x2,7. Bibliografia: SOEIRO 1984: p.260, est. XXIV.3; NUNES 2016. Acrónimo: M74 B Q X (2). Fig.1, nº2.

3. Fragmento de lucerna de orla estreita decorada com três caneluras e duas molduras concêntricas e parte superior da voluta direita. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke I, var. indeterminada). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 6x2,1. Bibliografia: NUNES 2016, est.30, nº75. Acrónimo: M83 d Q XXIX (2). Fig.1, nº3.

4. Lucerna fragmentada e incompleta. Orla estreita, de perfil horizontal, separada do disco por

duas molduras e uma canelura. Disco côncavo muito fragmentado. *Rostrum* arredondado com duas volutas laterais e orifício de iluminação com alguns sinais de combustão. Fundo plano circunscrito por uma canelura e assente numa coroa circular. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke IV). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 9,8x 6,9x2,4. Bibliografia: PINHO 1931: pp.14-15; SOUSA 1966: pp.318-19, nº4; SOEIRO 1984: p.293, fig. CXXXIX.4; NUNES 2016, est.18, nº46. Acrónimo: MHNC-UP – Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto: Oferta do Reverendo José Monteiro de Aguiar. Fig.1, nº4.

5. Fragmento de lucerna de orla estreita, arredondada e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado com parte do orifício de alimentação. *Rostrum* arredondado com voluta direita e parte do orifício de iluminação. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke IV). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 6x2,4x1. Bibliografia: ALMEIDA 1977: p.16, est. IV, nº8; SOEIRO 1984: p.203, fig. XCIV.20; NUNES 2016, est. 23, nº59. Acrónimo: M75 A. Fig.1, nº5.

6. Fragmento de lucerna com parte do *infundibulum*, da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo muito fragmentado. Presença da parte superior da voluta esquerda. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke IV). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 5,1x1,5. Bibliografia: NUNES 2016 est. 30, nº74. Acrónimo: M97 BA Q III (4). Fig.1, nº6.

7. Fragmento de lucerna de orla estreita, arredondada e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo muito fragmentado. *Rostrum* arredondado com presença da voluta esquerda e parte do orifício de iluminação. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke V). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 3,8x2. Bibliografia: NUNES 2016 est. 23, nº 61. Acrónimo: M75 A Q XI (5). Fig.2, nº8.

8. Fragmento de lucerna de orla estreita e inclinada para o exterior, moldurada com a aleta lateral direita, cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada. A separar a orla do disco, conserva-se parte de uma moldura e uma canelura concêntricas. Tipo: lucerna de volutas (Deneauve V G). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 3,7x1,9. Bibliografia: NUNES 2016, est.29, nº71. Acrónimo: M76 A Q XIII (2). Fig.2, nº9.

9. Fragmento de *infundibulum* de lucerna com parte da orla e voluta direita. Tipo: lucerna de volutas (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 3,5x1. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M75 A Q V (3). Sem figura.

10. Fragmento de lucerna com parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Tipo: lucerna de volutas (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 1,7x2,2. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M77 a Q XXVI (4). Sem figura.

11. Fragmento de lucerna com parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Tipo: lucerna de volutas (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 3,1x1,6.

Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M76 A Q XIII (2). Sem figura.

12. Fragmento de lucerna com parte do *infundibulum* e da orla. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. Tipo: lucerna de volutas (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm):1,8x1. Bibliografia: SOEIRO 1984: p.142, fig. LXV.18; NUNES 2016. Acrónimo: M77 a Q XXVI/XXVII (4). Sem figura.

13. Fragmento de lucerna com parte do *infundibulum* e da orla. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Tipo: lucerna de volutas (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 1,6x0,6. Bibliografia: SOEIRO 1984: p.142, fig. LXV.19; NUNES 2016. Acrónimo: M77 a Q XXVI/XXVII (4). Sem figura.

14. Lucerna fragmentada e incompleta. Orla ampla e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, com presença de orifício de arejamento. *Rostrum* arredondado com orifício de iluminação centrado e alguns sinais de combustão. A separação entre este e a orla faz-se através de um segmento de reta que termina num círculo inciso de ambos os lados. Base plana circunscrita por uma canelura e com presença da marca C.OPPI.RES, pertencente a *Caius Oppius Restitutus*, um dos oleiros mais divulgados nas províncias ocidentais, particularmente em África e na Península Ibérica, sendo também conhecidas na Campânia grande número de produções suas. Este oleiro trabalhou entre o último quartel do séc. I d.C. e a primeira metade do século II d.C. Tipo: lucerna de disco (Dressel 20). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 8,5x6,7x2,6. Bibliografia: PINHO 1931: pp.3, 21-22; ALMEIDA 1953: p.191, est. XXX, nº240; SOUSA 1966: pp.316-19; ALMEIDA 1974: pp.248-49, est. II, nº2-3; SOEIRO 1984: pp.293, 295, fig. CXLI. 8; NUNES 2016, est.88, nº216. Acrónimo: M Necrópole antiga. Fig.3, nº12.

15. Fragmento de lucerna constituída por parte da orla e do disco. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, decorada a toda a volta com uma fiada de óvalos incisos e regulares, separada do disco por duas molduras e uma canelura concêntricas. Disco côncavo decorado com o busto de Hélios com a cabeça coroada de sete raios. Tipo: lucerna de disco (Dressel 28). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 6x4. Bibliografia: SOEIRO 1984: p.203, fig. XCIV.19; NUNES 2016, est.48, nº125. Acrónimo: M75 A Q VI (4). Fig.3, nº14.

16. Lucerna plástica de tipo indeterminado que se caracteriza pela representação de uma figura feminina na posição de sentada, coberta com manto, que deixa as costas e as nádegas nuas. Encontra-se parcialmente fragmentada, faltando-lhe a cabeça, o pescoço, o seio esquerdo, os joelhos e os pés (?), tendo servido estes últimos, muito provavelmente de *rostrum*. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, poderá tratar-se da representação da deusa Cybele, uma divindade oriental cujo culto se poderá relacionar com a exploração aurífera. Apesar da raridade da mesma, encontramos um exemplar proveniente de Osteria Dell' Osa, em Roma, que possui algumas afinidades morfológicas, nomeadamente uma mulher nua e em posição de sentada, mas, desta vez, num assento de forma trapezoidal com os bordos moldados. A cabeça parece estar fragmentada pela base do pescoço, possui um forte abdómen e seios proeminentes e caídos. Na parte de trás ostenta uma asa perfurada. Não apresenta sinais de combustão nas partes preservadas. Tipo: lucerna plástica (indeterminado). Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 8,4x6,5. Bibliografia: ALMEIDA CAF 1977: pp.18, 33, est. XVIII, nº1-3; PILO 2014: pp.173-181; SOEIRO 1984: p.203, fig. XCIV.18;

NUNES 2016, est.71, nº183. Acrónimo: M75 A Q V (3). Fig.4, nº15.

17. Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído pela parte superior da asa e da orla. Asa fraturada, com duas projeções de formato quadrangular de ambos os lados. Orla decorada com um traço inciso que termina num círculo nos dois lados. Tipo: indeterminado. Produção: Centro-Itálica. Dimensões (cm): 5,4x 4. Bibliografia: SOEIRO 2000-2001: p.111, nº8; NUNES 2016, est.78, nº201. Acrónimo: M97 BA Q I (buraco). Fig.5, nº19.

18. Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído pela asa, parte do *infundibulum*, da orla e do disco. Asa elevada e perfurada circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 3,7x3,6. Bibliografia: SOEIRO 2000-2001: p.111, nº4; NUNES 2016. Acrónimo: M97 BA Q VI (1). Sem figura.

19. Fragmento de *infundibulum* e orla de dimensões muito reduzidas. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 3x2. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M83 d Q XXII (2). Sem figura.

20. Fragmento de *infundibulum* e orla de dimensões muito reduzidas. Orla estreita com presença de duas caneluras concêntricas. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 3x1. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M77 a Q XVII (4). Sem figura.

21. Fragmento de orla e disco de dimensões muito reduzidas. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 3,2x1,4. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M76 A Q X (3). Sem figura.

22. Fragmento de *infundibulum* de dimensões muito reduzidas. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 3,3x2. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M82 g Q XV (5). Sem figura.

23. Fragmento de *rostrum* de dimensões muito reduzidas. Tipo: indeterminado. Produção: Itálica. Dimensões (cm): 2,5x1,3. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M75 A Q V (3). Sem figura.

24. Lucerna incompleta. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por uma saliente moldura e uma fina canelura concêntricas. Disco côncavo parcialmente fraturado, decorado com uma concha de vieira, cujos gomos côncavos partem do orifício de alimentação e convergem na parte inferior, a designada charneira. De ambos os lados da orla dispõem-se duas aletas de formato retangular. *Rostrum* triangular de extremo arredondado e orifício de alimentação centrado com sinais evidentes de combustão. Fundo plano assente numa moldura. Tipo: lucerna alto imperial de fabrico hispânico (derivada do tipo Dressel 3). Produção: hispânica (Bética). Dimensões (cm): 9,5x7,5x3. Bibliografia: SOEIRO 2000-2001: p.111, nº7; NUNES 2016, est.38, nº104. Acrónimo: M97 BA Q VI (1). Fig.2, nº10.

25. Fragmento de lucerna com parte da orla, disco e arranque do *rostrum*. Orla estreita e

ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, parcialmente fraturado e decorado com uma concha de vieira, cujos gomos, côncavos, partem do orifício de alimentação e convergem na parte inferior, a designada charneira. Apenas se conserva a aleta direita, na qual estão presentes três pequenas reentrâncias circulares, característica morfológica muito própria deste tipo de lucernas. Tipo: lucerna alto imperial de fabrico hispânico (derivada do tipo Dressel 3). Produção: hispânica (Bética). Dimensões (cm): 4,6x4,4. Bibliografia: sem referências. Acrónimo: M87D Q XIII/ XXI (2). Fig.2, nº11.

26. Fragmento de *infundibulum* e fundo plano, circunscrito por uma canelura. Tipo: indeterminado. Produção: hispânica (Bética). Dimensões (cm): 3,2x2,5. Bibliografia: NUNES 2016. Acrónimo: M75 A Q VIII (4). Sem figura.

27. Lucerna completa. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Disco côncavo, decorado com a figura de um gladiador Mirmidão caído no solo e a olhar para a direita. O lutador apoia a mão direita no solo, empunhando uma pequena espada (*gládio*). Veste um saiote curto, (*balteus*) e usa um elmo com penacho (*galea cristata*), protegendo as pernas e os músculos com as botas e grevas (*ocreae* e *fasciae*) e o antebraço esquerdo com um protetor metálico articulado (*manicae*). A personagem eleva a mão esquerda ao rosto, provavelmente tentando remover a característica viseira do capacete. O *rostrum* é arredondado e ostenta duas volutas, sendo que entre elas está presente o orifício de arejamento. Fundo plano, com a marca de oleiro «MVNTREPT» incisa, delimitada por uma canelura concêntrica. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke IV). Produção: bracarense. Dimensões (cm): 11x7,5x2,9. Bibliografia: ALMEIDA 1953: p. 158, est. XXXIII, nº63; ALMEIDA 1974: p. 48, est. II, nº4-5; MORAIS 2012: p. 369; SOUSA 1966, nº1; SOEIRO 1984: p. 295, fig. CXLI.10; MORILLO CERDÁN 1999: p. 207; ESTEVES 2016, est.137, nº309. Acrónimo: M Necrópole antiga. Fig.2, nº7.

28. Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do *rostrum*. Orla estreita, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras. *Rostrum* arredondado, com presença da parte superior da voluta direita, que sobressai ligeiramente do corpo da lucerna. Tipo: lucerna de volutas (Loeschcke IV). Produção: bracarense. Dimensões (cm): 2,5x1,9. Bibliografia: ESTEVES 2016, est.13, nº29. Acrónimo: M76 A Q XII (2). Sem figura.

29. Lucerna completa. Orla larga, inclinada para o exterior, e separada do disco por uma moldura. Disco côncavo, com orifício de alimentação descentrado à esquerda, e decorado com o busto de Hélios jovem, coroado por seis raios. *Rostrum* curto e arredondado, separado do disco por uma moldura reta, limitada por uma protuberância circular em cada uma das extremidades. Apresenta orifício de arejamento que invade a canelura de separação entre o corpo da lucerna e o *rostrum*. Asa redonda, alta e perfurada. Fundo plano. Tipo: lucerna de disco (Dressel 20). Produção: bracarense. Dimensões (cm): 8,7x6,1. Bibliografia: ALMEIDA 1953: p. 191, est. XLVI, nº240; ALMEIDA 1974: p. 48, est. II, nº6-7; MORAIS 2012: p. 369; SOUSA 1966, nº2; SOEIRO 1984, p. 294, Fig. CXLI.9; ESTEVES 2016. Acrónimo: M Necrópole antiga. Fig.3, nº13.

30. Fragmento de *infundibulum* de lucerna de perfil troncocónico, com encaixe para a parte superior da lucerna, e arranque de asa. Tipo: lucerna indeterminada. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 4,4x4,5. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: M76 Avenida. Sem figura.

31. Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e horizontal, sepa-

rada do disco por uma moldura e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, decorado com uma estrela. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 2,7x1,9. Bibliografia: ESTEVES 2016, est.89, nº230. Acrónimo: M78c Q VIII (2). Sem figura.

32. Fragmento de fundo de lucerna com a letra «M» em relevo, provavelmente da oficina de «MVNTREPT». Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 3,5 diâmetro. Bibliografia: SOEIRO 1984: p. 183; ESTEVES 2016, est.141, nº315. Acrónimo: M83 d Q XXIII (2). Fig.5, nº20.

33. Fragmento de lucerna com orla, disco e *infundibulum*. Orla curta, ligeiramente descendente e com a presença de um grafito «C E». A transição para o disco, côncavo, é feita mediante duas molduras e uma canelura. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 3,9x2,1. Bibliografia: ESTEVES 2016, est.152, nº339. Acrónimo: M76 A QXXVIII (1). Fig.5, nº21.

34. Fragmento de disco de lucerna decorado com as patas de um possível mamífero. Devido ao elevado estado de fragmentação, não é perceptível uma leitura completa do motivo iconográfico. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm):2x1,4. Bibliografia: sem referências. Acrónimo: M 78 d Q I (2). Sem figura.

35. Fragmento de dimensões muito reduzidas constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita, separada do disco por uma canelura. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 4,2x1,8. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: M97 BA QX (2). Sem figura.

36. Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla curta e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 3,4x1,7. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: M76 A QXV (3). Sem figura.

37. Fragmento de *infundibulum* de lucerna de dimensões muito reduzidas. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 3, x 3,4. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: s/r. Sem figura.

38. Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e separada do disco por três molduras e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo com presença de decoração indeterminada, dado o nível elevado de fragmentação. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 5x3. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: s/r. Sem figura.

39. Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Tipo: indeterminado. Produção: bracarense. Dimensões (cm): 4,3x1,4. Bibliografia: ESTEVES 2016. Acrónimo: M75 A QV (3). Sem figura.

40. Fragmento de lucerna constituído por parte do disco descendente e orifício central. Tipo:

lucerna de fabrico de tradição indígena. Produção: local. Dimensões (cm): 3,6x0,8. Bibliografia: ALMEIDA 1977: p. 22; SOEIRO 1984: p. 169, fig. LXXVIII.6; ESTEVES 2016, est.87, nº227. Acrónimo: M82 g Q XV (5). Fig.4, nº16.

41. Fragmento de lucerna constituído por parte do disco descendente e orifício central. Tipo: lucerna de fabrico de tradição indígena. Produção: local. Dimensões (cm): 3,6x1,2. Bibliografia: ALMEIDA 1977: p. 22; SOEIRO 1984: p. 141, fig. LXXII.18; ESTEVES 2016. Acrónimo: M76 a Q III/IV (4). Sem figura.

42. Fragmento de lucerna constituído por parte do disco e pela asa. O disco é descendente e a asa, larga e perfurada. Tipo: lucerna de fabrico de tradição indígena. Produção: local. Dimensões (cm): 4,1x3,7 Bibliografia: ALMEIDA 1977: p. 22; SOEIRO 1984: p. 250, fig. CXXXI.6; ESTEVES 2016, est.87, nº228. Acrónimo: M76 Sup. Q IV (3). Fig.4, nº17.

43. Fragmento de *rostrum* de lucerna aberta em pasta castreja acinzentada. Segundo Teresa Soeiro (1984: p.206), à semelhança das imitações de lucernas de disco de fabrico de tradição indígena, esta lucerna pode “revelar-nos o conhecimento que os oleiros indígenas teriam dos modelos clássicos”. Tipo: lucerna de fabrico de tradição indígena (Loeschcke XIV). Produção: local. Dimensões (cm): 3,8x3,4. Bibliografia: ALMEIDA 1977: p. 22, est. III, nº 4; SOEIRO 1984: p.206, fig.CIV.10; ESTEVES 2016, est.107, nº261. Acrónimo: M76 A Q XXIV. Fig. 4, nº18.

44. Fragmento de lucerna em ferro constituída por parte do *rostrum* e do *infundibulum*. O *rostrum* é longo e fechado. Pela forma rugosa e irregular da superfície, leva a crer que tenha sido obtida por martelagem. Tipo: indeterminado. Produção: local/ regional. Dimensões (cm): 6,5x2,5. Bibliografia: SOEIRO 1984, p. 142, fig. LVIII.16; ESTEVES 2016, est.91, nº238. Acrónimo: M77 a Q XXVI/XXVII (4). Fig.5, nº22.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974), Cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, 84, pp. 171-197.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974), *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Penafiel, Centro Cultural Penafidelis.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1977), *Escavações no Monte Mozinho II (1975- 1976)*, Penafiel, Centro Cultural Penafidelis.
- ALMEIDA, José Alberto Ferreira de (1953), Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal, *O Arqueólogo Português*. Lisboa, nova série 2, pp. 5-208.
- AMARÉ TAFALLA, Maria Teresa (1988), *Lucernas romanas en Aragón*, Instituto Fernando el Católico, Zaragoza.
- ATLANTE I. (1981), Atlante delle forme ceramiche I: ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero), *In Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- BAILEY, Donald Michael (1980), *A catalogue of the lamps in the British Museum, II: Roman lamps*

made in Italy, London.

- BALIL, A. (1980), Estudios sobre lucernas romanas II. Departamento de Prehistoria e Arqueologia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid. In *Studia Archaeologica*, vol. 62, Santiago de Compostela.
- BERNAL CASASOLA, Dario (1993), *Lucernae Tarraconenses: las lámparas romanas del Museu Nacional Arqueològic y del Museu i Necròpolis Paleocristians*, *Butlletí Arqueològic Tarragona*, época V, vol. 15, pp. 59-298.
- BERNAL CASASOLA, Dario; GARCÍA GIMENÉZ, Rosario (1995), Talleres de Lucernas en Colonia Patricia Corduba en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización Geoquímica de las pastas, *Anales de Arqueología Cordobesa*, 6, pp. 175-216.
- CARVALHO, Teresa Pires de (2008), As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares, *Oppidum*, nº especial, pp. 83-113.
- DENEAUVE, J. (1969), *Lampes de Carthage*, CNRS, Paris.
- ESTEVES, Andreia (2016) – *Contributo para o estudo das lucernas romanas de produção local/regional no Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- GARCÍA GIMÉNEZ Rosario, *et alii* (1995), Consideraciones sobre los centros productores de lucernas tipo Andújar: análisis arqueométrico de materiales procedentes de los Villares de Andújar (Jaén) y de la Submeseta Norte, in *Segunda Reunión de Arqueometría. Primer Congreso Nacional*, Granada, pp. 187-196.
- GENOVER, J. e SOLER FUSTÉ, V., (2006), *Llàntries romanes d'empúries. Materials augustals i alto-imperials*, Monografies Emporitanes, vol. 13, Girona.
- LOESCHCKE, Georg (1919), *Lampen aus Vindonissa*. Ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des Antiken Beleuchtungwesens, Zurich.
- MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela (1989/90), História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*, *Cadernos de arqueologia*, série II, Braga.
- MORAIS, Rui (2005), *Autarcia e comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*, Vol. I e II, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- MORAIS, Rui (2010), Estudio preliminar de la *Terra Sigillata* Hispánica Tardía de *Bracara Augusta*, *Rei Cretariae Romanae Favtorum*, Acta 41, pp. 437-461.
- MORAIS, Rui (2012), Las lucernas de producción regional de *Bracara Augusta*, in BERNAL CASASOLA, Dario (coord.); LACOMBA, Albert (coord.), *Ceramicas hispanorromanas II. Producciones regionales*, Cádiz, pp. 369-391.
- MORENO JIMENÉZ, Francisca (1991), *Lucernas romanas de la Bética*, Universidad Complutense, Madrid.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (1999), *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica: contribución al conocimiento de la implantación romana en Hispania*. Monographies Instrumentum. Montagnac, Éditions Monique Mergoïl, 8/2: I e II.
- MORILLO CERDÁN, Ángel; RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán (2008), Lucernas hispanorromanas, in BERNAL CASASOLA, Dario (coord.); LACOMBA, Albert (coord.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. XXVI, Cádiz. Servicio de Publicaciones de la Universidad, pp. 291-312.
- NUNES, Flávia (2016) – *Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal. Contributo para o seu*

- estudo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- PALANQUES, Maria Luisa (1992), *Las lucernas de Pollentia*, The William L. Bryant Foundation 4, Palma de Mallorca.
- PAVOLINI, C. (1993), I bolli lucerne fittili delle officine centro-italiche, *Journal of Roman Archaeology Supplementary*, series 6, pp. 65-71.
- PEREIRA, Carlos (2008), *As Lucernas Romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PILO, Chiara (2014), Una lucerna configurata da Gabii: valenze apotropaiche di un singolare strumento per l'illuminazione, *ArcheoArte*, 3, pp. 173-181.
- PINHO, José de (1931), A necrópole calaico-romana do Mòsinho, PenhaFidelis. *Penafiel*, vol. 2, Publicação de Estudos para a História de Penafiel.
- PINTO, António (2002), *Bronzes figurativos romanos de Portugal*, [S.l.], Fundação Calouste Gulbenkian.
- PINTO, Gilda Correia (1996), *A Necrópole de Montes Novos – Croca*, Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- POZO, Salvador (1997), Lucernas antiguas en bronce de la Baetica: ensayo de clasificación: Tipología y cronología, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA*, N. 63.
- RICCI, M. (1974), Per una cronologia delle lucerne tardo-republicaine, *Studi Liguri*, vol. XXXIX, 2-4, pp. 168-234.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán (1996), Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas, *Cuadernos Emeritenses*, Mérida, Museo Nacional de Arte Romano: Asociación de Amigos del Museo, p. 11.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007), *A cultura castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, (2ª edição da dissertação de doutoramento, revista e atualizada; 1.ª ed., 1986).
- SOEIRO, Teresa (1984), Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol.1.
- SOEIRO, Teresa (2000-2001), Monte Mozinho. A recuperação do setor B, *Portvgalia*; Nova serie, Vol. XXI-XXII, 2000-2001, pp. 103-136.
- SOEIRO, Teresa (2005), *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel: Museu Municipal, 2ª edição.
- SOEIRO, Teresa (2009-2010), Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos”, *Cadernos do Museu*, nº12-13. Penafiel: Museu Municipal, pp. 218-219.
- SOTOMAYOR MURO, M. (1981), Los alfares romanos de los Villares de Andujar, *Noticiario Arqueológico Hispanico*, vol. 11, Ministerio de Educacion y Ciência - Direccion General de Bellas Artes, pp. 307-368.
- SOTOMAYOR MURO, M. *et alii* (1976), Los alfares romanos de Andújar. Campañas de 1974, 1975 y 1977, *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 6, pp. 443-497.
- SOUSA, Rigaud de (1966), Subsídios para o estudo da arqueologia Bracarense. *Lucerna*, vol. 5, Porto: Centro de Estudos Humanísticos, pp. 589-599.



1



2



3



4



5



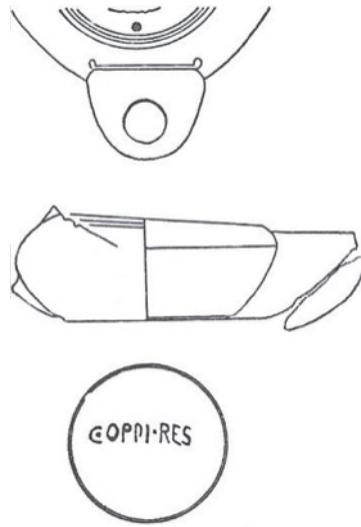
6

Figura 1

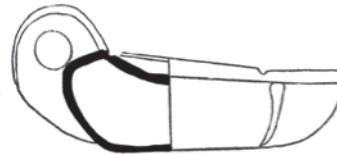
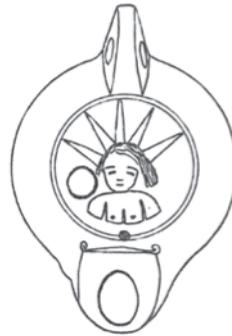
Escala 1:2



Figura 2
Escala 1:2



12

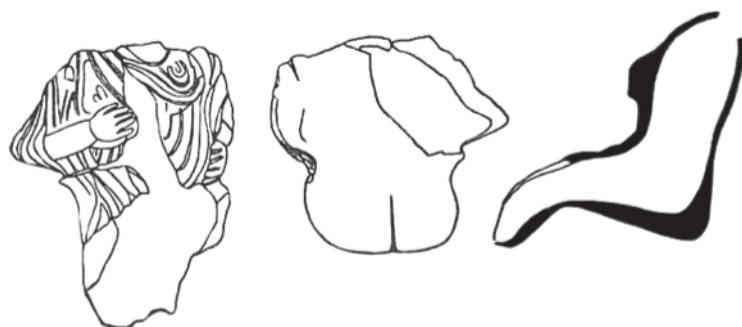


13

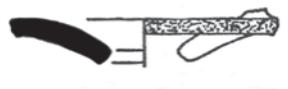


14

Figura 3
Escala 1:2



15



16

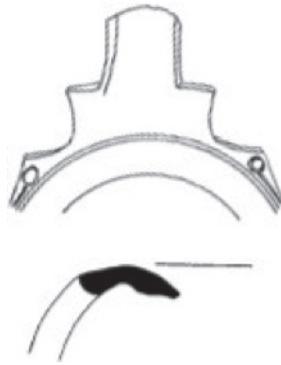


17



18

Figura 3
Escala 1:2



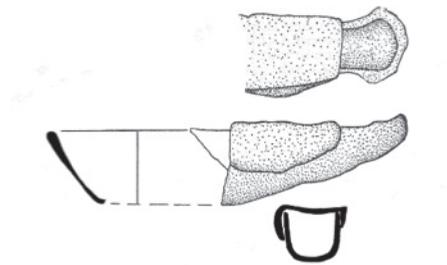
19



20



21



22

Figura 4
Escala 1:2

